

Ética e comunicação das escolhas alimentares: uma análise da tribo pós-moderna do Slow Food

Ethics and Communication of Food Choices: An Analysis of Postmodern Tribe of Slow Food

Luiz Peres-Neto

Escola Superior de Propaganda e Marketing , São Paulo - SP, Brasil

luiz.peres@espm.br

Raquel D. Hadler

Escola Superior de Propaganda e Marketing , São Paulo - SP, Brasil

quelhadler@gmail.com

Fecha de recepción: 1 de julio de 2016

Fecha de recepción evaluador: 2 de julio de 2016

Fecha de recepción corrección: 3 de julio de 2016

Resumen

Este artigo propõe discutir a comunicação das escolhas alimentares como meio de comunicar uma ética em busca da vida boa ("buen vivir"). Especificamente, analisa-se o movimento Slow Food como parte de um fenômeno pós-moderno de resistência à sociedade de consumo tradicional, que busca pelo consumo alimentar a ressignificação do sujeito por meio das suas ações cotidianas. A partir de uma aproximação multimetodológica - que inclui observações não participantes e 6 entrevistas em profundidade realizadas com líderes de "convívios" (espaços nucleadores/ de sociabilidade) do Slow Food - problematiza-se como este movimento busca a construção de novos imaginários sociais sobre o ideal de vida boa, edificado a partir da articulação

das práticas alimentares. As análises realizadas nos conduzem a deduzir que o Slow Food propõe, em suma, uma rearticulação de sentidos comunicacionais na medida em que apresenta um estilo de vida que se contrapõe aos valores e às práticas sustentadas por um *modus operandi* dominante, vinculado às sociedades capitalistas ocidentais. Desta forma, o movimento Slow Food, articulado como uma tribo pós-moderna, permite aos sujeitos que participam do mesmo ressignificar suas práticas de consumo alimentar de forma a construir uma vida que lhes faça sentido ontologicamente.

Palavras chave: Ética, Comunicação, Consumo Alimentar, Slow Food

Abstract

This article aims to discuss the communication of alimentary choices as a way to externalize an ethics of good life. It is specifically analyzed the Slow Food movement as part of a postmodern phenomenon of resistance to the traditional consumption society, looking for a self re-signification by alimentary adoptions in the daily activities. Using a multi-methodological approach, in which one are combined non-participatory observations and 6 in-deep interviews carried out with Slow Food nucleus leaders', it is put under eraser how this movement works for reframe social imaginaries on the idea of a "good life", using communicational strategies to point out values and dominant practices established under an occidental capitalist way of life. As a result, the Slow Food seems to act as a postmodern tribe, allowing its followers to reframe their alimentary practices as a way to build a life full of ontological meanings.

Keywords: Ethics, Communication, Alimentary consumption, Slow food.

Introdução

O entrelaçamento entre a ética, a comunicação e o consumo alimentar constitui o ponto de partida para deste artigo. Como pergunta balizadora, indagamos se a adoção das práticas de consumo alimentar defendidas pelo movimento Slow Food se constituem como uma ética pós-moderna, capaz de ressignificar - a partir da comunicação das mesmas - o ideal de "vida boa", entendido este como o comedido da ética, busca por locupletar ontologicamente os sentidos de uma vida social plena.

De acordo com diversos autores, tais como Marcuse (1968), Peter Gay (1988) ou G. Simmel (2009), por exemplo, podemos assumir que o devir da modernidade industrial desencadeou uma afetação maior da vida. Com outras palavras, a sociedade de produção passou a afetar a subjetividade do cotidiano o que, conseqüentemente, se constituiu como insumo contínuo para a construção do imaginário social. Isto porque é através do

imaginário que o sistema capitalista se comunica com os sujeitos, construindo visões de mundo - cooptadas ou críticas - que fornecem pistas para entender a dinâmica sociocultural (Rocha, 1990).

Seguindo esta linha de raciocínio, podemos assumir que a atual presença contínua e constante da mídia no espaço social fortalece a construção do imaginário de um mundo globalizado, interconectado o que, em síntese, contribui para modelar certos imaginários sociais que dialogam com um *modus operandi* capitalista (Silverstone, 2002). Tal fato, em grande medida, colabora para a formação de imaginários sobre estilos de vida que pautam as práticas de consumo a partir de matrizes culturais midiáticas (Douglas, 2013; Campbell, 2006 & Bauman, 2008). O consumo alimentar, indubitavelmente, está imerso a esta lógica.

Deste modo, podemos observar que as práticas de consumo alimentar estimuladas pela mídia comunicam muito além dos valores atrelados a um alimento em tanto que um bem de consumo. Propagam estilos de vida que se encaixam dentro de um ideal de vida boa defendido pela cultura capitalista globalizada (Sassatelli, 2007). São inúmeros os exemplos de produtos da indústria cultural, como telenovelas, séries de televisão, filmes e campanhas publicitárias que enunciam sobre o que deve ser feito para ser feliz, quais alimentos devem ser consumidos/não consumido ou quais os passos que se deve seguir para se alcançar uma "vida boa", entendida esta segundo os cânones da sociedade de consumo capitalista ocidental.

Trata-se de um contexto social que, agudizado na contemporaneidade pela ideologia da "gestão de si" e da performance atrelada a capitais individuais desemboca no chamado imperativo da felicidade, ou seja, em uma deontologia que aponta a necessidade de ser feliz ou ao menos parecer ser segundo as cartilhas do bem viver do capitalismo cultural (Freire Filho, 2010). Essa ideologia do "imperativo da felicidade" se relaciona a um ideal de vida boa que ganha a sua legitimação através da visibilidade social, da exibição de si para a sociedade, corroborando a corrosão dos vínculos sociais em aras de valores capitalistas individuais (Sennett, 2012).

Nas sociedades contemporâneas capitalistas fomenta-se um estilo de vida estruturado no acúmulo de capital econômico de tal sorte que se possa ter acesso ao consumo de certas mercadorias tidas como melhores e/ou em maior quantidade. As diferenças na ingestão de calorias entre classes sociais é um bom exemplo de tal processo. Igualmente, poderíamos também citar o que ou quais alimentos um sujeito pertencente à classes mais abastadas ingere para alcançar um determinado patamar calórico. Quantidade e qualidade atrelados à uma cultura capitalista que submete o gosto à estrutura social de classes. Isso evidencia que a adesão cultural a estilos de vida cada vez mais diferenciados está intimamente atrelado a processos socioeconômicos; busca-se um ideal

de vida segundo o qual a vida só é considerada boa na medida em que proporciona distinção ao sujeito consumidor (Bourdieu, 2011).

Dentro do mesmo contexto em que impera esta visão dominante de vida boa, contudo, existem outras concepções. Instaura-se um jogo entre diversas formas de ação ética e, conseqüentemente, singulares dos sujeitos, permeadas por diversas deontologias que indicam padrões a serem seguidos ou rejeitados (Peres-Neto, 2014). No entanto, é inegável que determinados valores tornam-se mais visíveis do que outros devido à dinâmica das relações de força que imperam atualmente.

Neste cenário de entrelaçamento de forças desiguais, indagamos como que processos de comunicação interpessoal e práticas de consumo alimentar podem gerar ressignificações que se contrapõem ao ideal de vida boa das culturas de consumo. Entendemos que o movimento Slow Food e as narrativas constituídas no seu âmago representam um interessante objeto para tal discussão.

O movimento Slow Food irrompeu a cena contemporânea, no final dos anos 80 do passado século a partir de um forte crítica ao estilo de vida que caracteriza o ocidente contemporâneo, que sustenta o “imperativo de felicidade” e que reduz os sujeitos a consumidores, esvaziando outras potências comunicacionais dos sujeitos (Hadler, 2015).

Metodologia

Ainda que de maneira abreviada, faz-se necessário a explanação de como arvoramos o percurso metodológico desta pesquisa. Em função do objeto proposto, optou-se por uma visada qualitativa que conjugasse observações não participantes com entrevistas em profundidade, razão pela qual adotamos uma perspectiva multimetodológica. Complementarmente, também trabalhamos com dados secundários procedentes de materiais comunicacionais do movimento *Slow Food*.

As observações não se centraram em algumas atividades de convívio propostos pelo movimento *Slow Food*, que ocorreram no segundo semestre de 2014. Uma das principais vantagens deste caráter não participativo é a flexibilidade que o pesquisador tem de aplicar diferentes recursos de investigação de acordo com a necessidade que observa no campo (Soriano, 2011). Foram feitas observações não participantes de 4 eventos, a saber: ‘Festival gastronômico e sustentável de primavera’, realizado dia 27/09/2014 em uma praça de Joaquim Egídio – um pólo gastronômico da cidade de Campinas - com a presença de barracas com *chefs* de restaurantes deste distrito, vendendo uma de suas especialidades culinárias a um preço popular, ao lado de uma feira de orgânicos e apresentações de dança e música; ‘Intervenção Gastronômica com equipes *Chef* na Feira + *Slow Food*’, realizado dia 04/10/2014 no Sesc Pompéia na cidade de São Paulo, onde *chefs* do *Slow Food* elaboraram receitas com alimentos orgânicos ao ar livre,

acompanhadas de uma palestra realizada pelos mesmos, o que foi seguido de degustação para o público; ‘V Festival de gastronomia orgânica da cidade de São Paulo’, realizado de 17 a 19/10/2014 no Parque da Água Branca na cidade de São Paulo, no qual foram realizadas diversas atividades promovidas pelo movimento *Slow Food*, como oficinas do gosto para crianças, palestras sobre alimentos em risco de extinção, aulas gastronômicas, aulas de reaproveitamento de alimentos, oficina prática ‘Disco Xepa’; ‘Seminário Internacional Alimentação Hoje – entre carências e excessos’, realizado de 28 a 30/10/2014 no Sesc Belenzinho da cidade de São Paulo, evento divulgado pelo *Slow Food* através de suas redes sociais, no qual foram realizadas palestras como ‘Debate Publicidade e Consumo na Alimentação’ e ‘Bate-papo Identidade à Mesa: aspectos culturais do alimento’, as quais foram assistidas.

Por sua vez, foram realizadas também 6 entrevistas qualitativas em profundidade com integrantes do movimento (líderes de convívios) e análise de materiais institucionais. Estes últimos consistem fundamentalmente no site brasileiro do movimento e materiais eletrônicos disponibilizados no mesmo, tais como como almanaques, manuais, livretos, além de perfis no *facebook*, no *instagram*, no *twitter* e no *youtube* articulados pelo movimento.

Como meio de análise, optou-se pela chamada "análise de narrativas", seguindo a proposta de Ricoeur (2010). Entendemos, neste sentido, que os materiais textuais coletados, quer seja nas observações ou entrevistas, se constituem como estruturas narrativas e estruturas simbólicas. Como postula Ricoeur (2010) as formas simbólicas, como objetos e expressões, podem ser consideradas como construções simbólicas complexas, constituídas por uma estrutura articulada, expressando, assim, um significado específico. Por isso, entendemos que é importante que se faça uma análise de como as formas simbólicas estão organizadas, levantando suas características estruturais, padrões e relações, tanto internas quanto externas ao texto.

Como se trata de uma análise de narrativas do próprio movimento *Slow Food*, o que pode ser considerado como seu discurso oficial, foi pontuado como critério que as entrevistas seriam realizadas com integrantes que tivessem relevância dentro da atuação do *Slow Food*, referenciados como uma “voz” ativa dele. Para isso, foram escolhidos 06 integrantes nomeados como líderes de convívios, nome designado aos grupos locais que compõem o movimento no Brasil. A quantidade estipulada para a realização das entrevistas teve em vista trazer relatos aprofundados para desenvolver uma análise que compusesse a narrativa do movimento no Brasil. A escolha dos entrevistados ocorreu em função da acessibilidade a cada um deles, sendo que o contato foi feito por e-mail e telefone, a partir das informações disponibilizadas no site oficial do *Slow Food* Brasil. As entrevistas foram codificadas e serão referenciadas, neste artigo, por letras, para garantir o anonimato dos entrevistados.

Ao avançarmos no desenvolvimento da coleta do corpus desta pesquisa fomos percebendo o forte tensionamento entre as estruturas simbólicas presentes nas narrativas do *Slow Food* com o contexto sociocultural contemporâneo na luta/ disputa por seus ideais. Este percurso de investigação nos revelou que o movimento não é fruto de apenas de reivindicações éticas e políticas, como também espelha uma forma de sociabilidade do sujeito contemporâneo, o que trabalharemos a seguir.

O consumo alimentar Slow Food e a sociabilidade do sujeito contemporâneo

A possibilidade de caminhar a contrapelo de valores dominantes não é algo exclusivo da contemporaneidade. Por mais que nos dias atuais formas de atribuição de sentidos que questionem padrões culturais dominantes sejam mais visíveis, principalmente pela midiaticização das interações entre as Pessoas (Sodré, 2008), é importante pontuarmos que esta trajetória tem raízes mais profundas.

O desenvolvimento da modernidade, ao mesmo tempo em que culminou na construção de uma idealização da felicidade atrelada à visibilidade do consumo permeada por valores capitalistas, também propiciou outras formas de olhar e viver o modus operandi dominante. Esta análise traz o embasamento para nos ajudar a compreender, de forma mais profunda, o que o movimento Slow Food representa dentro das culturas de consumo. De chofre, cabe matizar que se trata de um amplo espectro de postulados que partem do consumo alimentar mas não se detêm ao mesmo.

A modernidade modificou as relações humanas, o que sinalizou para a constituição de um "novo espírito do tempo" (Gay, 1988). Isso ocorre tanto por impulsionar uma racionalidade pautada no progresso, na técnica e na performance, quanto por provocar o surgimento de uma nova subjetividade que se moldou através de formas distintas de se viver e se relacionar com/no mundo.

É neste contexto que trazemos à baila as análises de Walter Benjamin (1985; 1995), em relação ao que as materialidades que estão sendo produzidas na modernidade engendram em termos simbólicos. Para o mencionado autor, não são as materialidades que enredam o homem, mas sim os efeitos dela, causando muitas vezes alucinações do real. De tal sorte, notamos que Benjamin (1985; 1995) está preocupado com o modo com que podemos nos expressar, pois, como observa este autor, há uma certa dificuldade do homem moderno em se perceber neste cenário "fantasmagórico", em que o que é inorgânico aparenta ganhar vida.

Por intermédio das entrevistas, notamos que essa preocupação benjaminiana é compartilhada, explicitamente, por alguns líderes do Slow Food que, além de criticarem

alguns discursos comerciais que consideram antiéticos, apontam com preocupação a transformação de elementos não comestíveis em alimento o que, além de ser fantasmagórico, é preocupante à saúde humana. Nas palavras de um entrevistado, “quando diz respeito a uma comida que não é comida de verdade, no caso da margarina, por exemplo, a gente vê que tem até resíduo de petróleo” (Entrevistado C).

Esse cenário nos coloca ante a existência de um borramento de fronteiras entre a realidade e as suas representações, uma vez que o que é real se apresenta como sistema que cria seus referentes, gerando uma crise das referências. Notamos que isso é muito utilizado pelo regime midiático pelo fato de possibilitar o plano das representações se renovar rapidamente, tornando-se mais sedutor (Silverstone, 2002).

Nesta perspectiva, Walter Benjamin (1985; 1995) nos expõe como desafio a recomposição da origem, que só se faz com a recuperação de indícios e resíduos. Esta busca pela recomposição se coloca como algo para além dessa lógica de reprodução, forças produtivas e das materialidades. É possível encontrarmos, na figura do gastrônomo defendido pelo Slow Food, essa busca pela recomposição da origem:

O que me chamou a atenção é o papel do gastrônomo, que é conhecer o alimento, a forma como ele é produzido, que isso não é levado em conta nos cursos de gastronomia, eles trabalham a partir das panelas, daquele universo das receitas, mas não começa lá atrás na origem, e ele (o movimento Slow Food) coloca a gastronomia como uma pessoa que consegue, um profissional, que vai conseguir identificar a característica do alimento, origem, sabor sensorial, combinar, é uma coisa muito mais rica (Entrevistado D).

De acordo com o que nos é possível verificar neste relato, a relação do alimento com a sua origem e sabor original não é algo corrente nos espaços tradicionais dedicados ao alimento. O que está de acordo com o fato, como Benjamin (1985, 1995) destaca, de que a totalidade não nos é dada no moderno.

Na medida em que a totalidade não nos é dada, isso nos traz a indagação sobre o que está fora de foco na sociedade capitalista ocidental. Consequentemente, essa indagação nos faz pensar nos bastidores, o que nos revela um jogo entre essência e aparência que permeia, até os dias de hoje, o nosso contexto sociocultural. É nítido que este é um aspecto criticado pelo movimento Slow Food, tal e como destaca um entrevistado ao dizer que “tem muita gente que ainda tá [sic] oculto nos bastidores e isso é uma sociedade toda problemática” (Entrevistado D).

Essa questão problemática relatada pelo movimento se refere ao modo de funcionamento que impera em nosso contexto, o qual não visibiliza aspectos não sedutores da realidade. Podemos relacionar essa questão com a colocação de Benjamin

(1985; 1995) de que são os fragmentos da sociedade de consumo que permitem entender a sua lógica, pois o mundo das relações de produção fica cada vez mais oculto.

Assim, essa falta de visão do que está nos bastidores esconde muitos pontos que afetam a todos nós, como podemos verificar em outro relato de um entrevistado:

as pessoas têm que aparecer no cenário, a importância, como a gente atribui valor? até a lógica do consumo faz com que a gente atribua cada vez menos valor, porque você tem uma concorrência e o consumidor quer as coisas cada vez mais baratas, mas como ele não sabe e sou eu que produzo, então eu vou por a pior matéria prima, eu vou pagar cada vez menos pela matéria prima, eu vou explorar o produtor porque o consumidor quer pagar menos, então é uma coisa insustentável, então é uma lógica... (Entrevistado D).

Deste modo, para conseguirmos atribuir valor à nossa realidade de acordo com a veracidade dos fatos, precisamos não nos ater ao modo como as coisas nos são dadas. Precisamos de outros critérios. Essa necessidade nos faz voltar à Benjamin (1985; 1995), o qual se distancia da visão cartesiana, pois acredita não ser possível entender a modernidade apenas a partir da racionalidade, visto que é parte de um tempo fantasmagórico. Encontramos sinais deste distanciamento no movimento Slow Food, perceptível na forma como está estruturado:

não tem metas assíduas, não tem que conquistar nada, por mais que a gente tenha objetivos; a gente tem vontades, desejos de fazer hortas na África, de tirar as pessoas da fome, fazer coisas como a Disco Xepa da alimentação... tem esses desejos, mas não existe uma pressão nisso. Então, talvez dentro de uma visão material, dentro do mundo capitalista que a gente vive, isso seja uma questão negativa, mas pra mim não, porque eu não acredito nestas metas mesmo, acho que é tudo uma loucura das pessoas (Entrevistado C).

Por meio deste relato, depreendemos como o movimento nos mostra uma estrutura de funcionamento que não está atrelada a uma lógica de racionalidade cartesiana e sim, a um distanciamento dela. Diante deste distanciamento da lógica cartesiana, é pertinente lembrarmos que Benjamin (1985; 1995) buscou caminhos alternativos, que possibilitassem reconstruir uma narrativa para entender esse novo mundo. O mencionado autor propõe o flunar pela cidade como uma forma de investigação, possibilitando ao observador estar imerso no espírito do seu tempo. Ressalta, contudo, como fundamental, não estarmos submerso para poder narrar.

Assim, podemos percebermos a importância da imersão – e não submersão - em um contexto para poder narrá-lo dentro de uma perspectiva de investigação que busca compreender sua realidade. Isso implica em uma determinada postura no mundo em que se está inserido, o que pode ser observado na fala de um entrevistado: “tem muitos grupos que as pessoas fazem isso, vão morar no sítio, vão viver um outro estilo, mas como mudar a partir de onde eu tô,[sic] né?” (Entrevistado D). Flunar pela realidade e não se colocar

à parte dela, num mundo paralelo e sim, fazendo parte: importante para poder explicar sua lógica através dos fragmentos que podemos encontrar.

A forma como esta busca investigativa está posta, nos permite resignificar as ruínas produzidas pela modernidade, indo em direção oposta ao ritmo do progresso e do desenvolvimento. A partir disso, Benjamin (1985, 1995) nos coloca a possibilidade da emergência de uma subjetividade, que se relaciona com o encantamento e sedução, não apenas na perspectiva da relação pessoa - pessoa mas, também, na forma de apropriação das materialidades. Perceber diferentes possibilidades de apropriação é ir contra a corrente que prega a passividade do sujeito, é perceber a possibilidade de emergência de brechas, permitindo caminhar a contrapelo.

Portanto, este relato nos mostra uma não passividade do sujeito, um caminhar a contrapelo dos valores dominantes, num processo de construção do que Aristóteles (2013) poderia denominar de felicidade em sua concepção.

Contudo, não podemos nos iludir de que essa possibilidade de caminhar a contrapelo é acessível a todos. Como Benjamin (1985, 1995) aponta, não há uma inocência, uma idealização de que as brechas estão acessíveis a todos. Entretanto, a despeito do contexto engendrado pela modernidade, Benjamin vislumbra a perspectiva de que existem brechas. Essa perspectiva está muito atrelada à postura do sujeito, em seu engajamento na transformação da realidade em que está inserido. Tal engajamento - de transformar a realidade em que se está inserido - impregna todas as narrativas do movimento Slow Food, como podemos verificar no relato abaixo:

...porque hoje você fala assim ‘ah, orgânico pode ser bom para mim que tenho como pagar, mas para aquela pessoa da favela não’; então, a gente quer fazer isso, a gente tenta fazer isso ser, ter essa possibilidade também; porque quando um cara lá de Parelheiros tá[sic] vendendo a R\$ 1,00 o alface dele, orgânico, e pedindo pelo amor de Deus para comprarem, essa mesma pessoa da favela vai no supermercado e vai pagar R\$ 3,00 num convencional; então, você vê que tem uma falta de comunicação, uma falta de achar essa rede, que é isso que a gente tá[sic] tentando trabalhar, essa rede de compra para facilitar tudo (Entrevistado C). Texto

A comunicação e as brechas no consumo alimentar: pós-modernidade e a tribo Slow Food

A partir da discussão iluminada por conceitos benjaminianos, podemos identificar a existência de infinitas formas de apropriação do consumo de acordo com as singularidades de cada sujeito. Assim, a possibilidade de emergência de brechas é um processo individual e não previsível e formatado, ocorre de acordo com as experiências de cada um.

Com o desenrrolar do século XX, através do desmantelamento das grandes narrativas, o cenário sociocultural passa a ser marcado por micronarrativas, o que acirra o descentramento do sujeito cartesiano (Felinto, 2006). Desta forma, percebemos o desenvolvimento de novas formas de capital cultural e uma gama mais ampla de experiências simbólicas (Connor, 2004). Para alguns autores, como Featherstone (1991), este contexto sinaliza o pós-modernismo, que não deve ser entendido somente no nível de desenvolvimento da lógica capitalista, pois para o autor o mesmo se estende para a mudança dos equilíbrios de poder, lutas competitivas e interdependências entre diversos grupos, quer seja no nível inter-social ou no intra-social.

Desta forma, neste cenário pós-moderno ocorre a valorização do papel que cada pessoa pode ter dentro de um grupo, aspectos relevantes para o movimento Slow Food:

eu acredito muito, mudança individual primeiro porque se não você não se torna coerente, e depois da mudança individual, a mudança social, fazer com que isso se torne coletivo, isso é com certeza o meu desafio depois que eu incorporei as minhas mudanças. Agora eu quero compartilhá-las, sem obviamente impor minha opinião ou achar que isso tá[sic] certo, mas quero com certeza compartilhar (Entrevistado F).

A valorização da pessoa em sua totalidade, que podemos observar neste relato acima, questiona a ênfase na racionalidade cerebral, o que reflete uma transição de uma estrutura vertical e patriarcal para uma estrutura horizontal e fraternal (Maffesoli, 2004). O Slow Food está em linha com isso, “mas talvez para quem vê de fora, com uma mentalidade mais racional, pode achar que ele é um movimento um pouco caótico, não é linear” (Entrevistado C).

Assim, observa-se uma busca em sentir sensações intensas, revitalizando os aspectos mais humanos que estavam escondidos no sujeito cartesiano, este cada vez mais saturado (Maffesoli, 2006). A contracultura, por exemplo, pode ser vista como uma resposta ao que a sociedade capitalista ocidental estava ocasionando nos sujeitos, como um instinto de sobrevivência ao que estava ocorrendo com a saúde física e mental (Pereira, 1983).

Diante disso, é importante colocarmos que diversos movimentos atuais, que contestam de algum modo o sistema dominante, como é o caso do Slow Food, têm a sua raiz vinculada a este período de questionamentos, ainda que, formalmente, o Slow Food tenha sido criado apenas na segunda metade da década de 80 do passado século.

Como é sabido, a contracultura que pode ser lida em um sentido mais específico e, conseqüentemente, datado em seu sentido crítico, que se relaciona ao movimento hippie, às contestações estudantis, à música rock, a adesão às drogas, ao orientalismo, viagens de mochila, etc. Por outro lado, muitas vezes o termo contracultura é designado com um sentido mais geral de crítica à ordem dominante, como uma crítica anárquica que

busca romper com as “regras do jogo” de uma determinada situação. Quando a contracultura é associada a essa crítica anárquica, segundo Pereira (1983), ela reaparece de tempos em tempos e geralmente assume um papel revigorador da crítica social.

De acordo com esta colocação, o Slow Food pode ser considerado como este retorno da contracultura, visto que, como nos mostram as narrativas analisadas, “o movimento Slow Food é uma anarquia austera no sentido de cada um faz o que quer fazer contanto que seja em prol de um alimento bom, limpo e justo, esta é a grande regra” (entrevistado E). Esta postura, que se supõe anárquica, delibera responsabilidades, como enfatiza um líder de convívio “o Petrini, que é o fundador, costuma falar de austera anarquia e autarquia também, no sentido de que cada contexto, cada rede sabe quais são as suas prioridades” (Entrevistado F).

Tanto a postura anárquica e a ênfase na figura do sujeito também podem ser relacionadas com a diminuição da polarização entre indivíduo e a massa que observamos na contemporaneidade. O foco no “eu”, como destaca Maffesoli (2006), é diluído na busca de estar junto com o outro, na vinculação pelo afeto. Essa busca pelo afeto e de vinculação entre as pessoas é uma característica muito presente no movimento Slow Food, o que pode ser visto por meio da seguinte colocação: “acho que tudo o que o Slow Food promove é também nessa base de aproximação das pessoas, meio que trazer de volta esse significado” (entrevistado D).

Além disso, é importante apontarmos que a contemporaneidade é formatada por valores hedonistas. No entanto, é o conjunto do corpo social que ganha atenção. Assim, na pós-modernidade, a ambiência estética ganha importância quando atinge uma dimensão coletiva, que ultrapassa o indivíduo (Maffesoli, 2005). Desta forma, observamos a presença de valores hedonistas no movimento, visto que para o Slow Food a estética é muito importante, não só para envolver os participantes do movimento, como para convidar novos, pois coloca que “a arte é fundamental, poesia é a porta de entrada, você entra pelo belo” (Entrevistado C). Do mesmo modo, também ressaltamos que o movimento sempre teve como proposta de ativismo o foco na busca do ser humano por prazer material e intelectual (Petrini & Padovani, 2009), como é ressaltado por um entrevistado “prazer é fundamental, e atinge vários tipos de público” (Entrevistado F).

Logo, diante do destaque contemporâneo ao conjunto do corpo social, Maffesoli (2006) chama a atenção para uma nova forma de sociabilidade do sujeito pós-moderno, que é a formação de tribos na contemporaneidade, o que nos aponta como um fenômeno cultural. Pode-se mudar de tribo ou fazer parte de várias, o importante para a interação social é o sentimento de pertencimento a um lugar ou a um grupo que este neotribalismo traz. Percebemos que para o Slow Food “cuidar uns dos outros e sentir seguro é o que a gente quer” (Entrevistado B).

Isso posto, pontuamos que essa dimensão comunitária da sociabilidade relatada por Maffesoli está muito presente no movimento Slow Food. Também podemos observar essa dimensão comunitária da sociabilidade visível através da importância que a moda vem ganhando nas últimas décadas, ou através dos crescentes agrupamentos religiosos, musicais, esportivos, dentre outros. Frente às sociedades muito racionalizadas, como por exemplo as que habitam metrópoles, tribos urbanas se formam e demonstram uma ânsia por partilhar emoções e afetos (Maffesoli, 2006), o que percebemos no movimento e pode ser exemplificado pelo trecho abaixo:

tem um perfil de São Paulo, que são pessoas muito corridas, pessoas com uma vida, uma agenda muito completa, muito cheia e tal, mas que elas abrem esse espaço... a gente vê nos encontros aqui que sempre tem gente, sempre que a gente marca... é uma coisa que realmente elas querem estar, elas querem participar (Entrevistado C).

Logo, observamos que experiências sensoriais, expressões de prazer e alegria são aspectos valorizados nessas tribos pós-modernas e, conseqüentemente, no Slow Food, “porque é onde a gente se percebe como humano” (Entrevistado B). Isso nos traz à tona a importância dos sonhos, do lúdico e do prazer em estar junto, o que remete à figura da criança. Verificamos ainda esta referência pelo vestir-se jovem, nas preocupações com o corpo ou até em histerias sociais, o que para Maffesoli (2006) mostra que isso não é algo localizado em uma faixa etária, é um estado de espírito que reflete uma mudança de paradigma sociocultural.

A cena pós-moderna está marcada pela ocorrência de um retorno às origens, à natureza, aos sentimentos e sensações humanas dentro de um tempo espiralado, que alia desenvolvimento tecnológico à retomada de valores arcaicos, uma “fidelidade às fontes é garantia de futuro” (Maffesoli, 2006: 8), algo que verificamos ser recorrente no Slow Food e sua defesa a um “retorno num sentido mais único, do que realmente importa, do simples, não desse bandarel de coisas que nós criamos” (Entrevistado C). Neste sentido, destaca-se a defesa do movimento pelo cultivo dos produtos locais. Desta forma o Slow Food defende que é por meio do cultivo de produtos locais que se abriria a possibilidade de conhecer aspectos que caracterizam diferentes territórios, o que propiciaria uma maior circulação de produtos e experiências, como observamos no relato abaixo:

um chef te apresenta um prato que representa a biodiversidade e você fica encantado, e nunca esquece, fala puxa, olha lá que delícia’ e vai procurar e pesquisar onde está este jatobá, esta cagá, este umbu, este licorí, porque você quer outra vez experimentar; então, prazer é fundamental, e resgate cultural é o que na verdade é a base que garante a preservação do patrimônio (Entrevistado F).

Segundo nos aponta esse relato, o Slow Food preocupa-se com a preservação da cultura local, só que de uma forma que seja compartilhada, ampliando conhecimento de quem entre em contato com a mesma. Com isso, “côncios dos limites e empenhados em não superá-los apenas para enriquecer financeiramente e perder em humanidade” (Petrini,

2009: 229), é estabelecida uma lógica de intercâmbio gratuito ou doação recíproca. Deste modo, é importante colocarmos que, mesmo estabelecendo uma lógica de doação cultural recíproca, “existem pratos tradicionais que hoje a gente tem que questionar com muita seriedade, se vale a pena a gente continuar sustentando determinadas receitas” (Entrevistado B).

Assim, é através do alimento e de suas possibilidades de consumo que o Slow Food trabalha a sua forma de sociabilidade, o que nos é explicitado pelo comentário de que “comer é o ato mais íntimo que o ser humano tem, é mais íntimo do que sexo, você coloca para dentro de você escolhas tuas, você se transforma naquilo que você come” (Entrevistado E). Percebemos o Slow Food como um movimento que pretende, fundamentalmente, priorizar o ser humano: “o Slow Food não faz nada de novo, na verdade, ele respeita o ser humano, essa que é a realidade” (Entrevistado E).

Diante disso, é importante destacarmos que o termo Slow ganha relevância não por sua associação à lentidão mas sim por representar a necessidade do sujeito contemporâneo de ter um outro tempo, fora do circuito de aceleração constante dos modos de vida contemporâneos, como nos é explicado nos trechos abaixo: “É você parar para prestar atenção no que está consumindo” (Entrevistado A).

O Slow dá um passinho para trás, um stop, um outro olhar para o mundo, que não é um stop de parei e só tô[sic] fazendo coisas do passado, é uma visão muito simplista, a gente simplesmente não está atropelando a vida, a comida e as pessoas como tá[sic] sendo feito hoje no mundo... a gente só está dando um passo para trás e abrindo o panorama, ouvindo passarinho (Entrevistado C).

Ainda tem uma visão de que é só ao contrário de fast food, não tem o entendimento de toda essa proposta (Entrevistado D).

Faz com que as pessoas acordem para esta escala de tempo e percebam, pessoal, a coisa tá[sic] totalmente degringolada, você não sabe mais o que você tá[sic] comendo e é esse o problema (Entrevistado E)

Agora a palavra Slow é lento, então muita gente, várias pessoas que encontrava associavam matérias feitas e publicadas de uma forma um pouco superficial, blog, matérias menos profissionais e com menos pesquisas, pegavam essa palavra Slow e associavam a comida devagar, comer lentamente, a parte do convívio, então vamos nos reunir como antigamente, vamos comemorar, comer devagar porque assim a gente valoriza mais o que tava[sic] comendo e fica lá nesta parte assim, sem pegar toda a profundidade do que significa este movimento e toda a caminhada com os parceiros deste movimento, que é a caminhada agroecológica, como você falou, é um novo paradigma na verdade que a gente propõe, e é difícil apresentar um paradigma em duas palavras, ne? (Entrevistado F).

Considerações finais

Como uma tribo pós-moderna (Peace, 2006 & Bonhammel, 2011 & Bush, 2014), o Slow Food tem como berço todo um histórico que aponta a necessidade de desenvolver um outro olhar para o mundo desde o início da modernidade e que pode ser apontado como “um caminho de resgatar valores, significados, afirmar-se” (Entrevistado D).

De modo geral, percebemos que a sociabilidade proposta pelo movimento, de se relacionar com o mundo através do alimento, sinaliza, na perspectiva do Slow Food, a melhor maneira de conhecer e interpretar a realidade. Assim, lembrando Benjamin (1985, 1995), o Slow Food não se coloca à parte da realidade mas acredita que é flinando por ela que conseguimos compreender sua lógica através dos fragmentos que encontramos, o que nos abre a possibilidade para a transformação da mesma.

aí também foi uma decisão, eu quero ficar aqui onde eu sempre estive e trazer aquilo que eu acredito, eu quero viver esse modo de vida aqui, então você tem que transformar, você tem que estar sempre transformando, né? E aí é um exercício que exige né? (Entrevistado A)

Assim, através desses relatos, verificamos que o Slow Food é formado por uma rede de pessoas envolvidas de algum modo com essa ciência gastronômica, a qual o movimento acredita que deve ser compreendida como uma ciência com valores humanos, que possui uma visão holística do mundo. Muitos de seus membros, inclusive os entrevistados para esta pesquisa, o vêem como uma representação de felicidade ou, como o próprio fundador do movimento coloca, como uma ciência da felicidade (Petrini & Padovani, 2009).

As análises realizadas até aqui nos conduzem a deduzir que o Slow Food propõe, neste contexto, uma rearticulação de sentidos na medida em que apresenta um estilo de vida que se contrapõe aos valores e às práticas sustentadas por um modus operandi dominante, vinculado às sociedades capitalistas ocidentais. Desta forma, por meio do movimento, o sujeito busca resignificar suas práticas de consumo de forma que lhe permita construir uma vida que faça sentido a ele, uma vida boa, distanciando-se de um perfil de visibilidade sugerido pelo imperativo da felicidade e lhe permita estar inserido em uma relação de afeto com a alteridade, razão fundante de sua visada tribal e pós-moderna.

Consequentemente, observamos que o Slow Food formata uma cultura de consumo atrelada a sua visão de mundo. Propõe uma cultura de consumo que vivibiliza o sujeito ativo (Baccega, 2011), pontuando contestações que aparentam ter um longo caminho a percorrer perante ao status quo vigente.

Bibliografía

- Aristóteles. (2013). Ética a Nicômaco. Bauru, SP, Edipro.
- Baccega, M. A. 2011. Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. In: CARRASCOZA, João; ROCHA, Rose de Melo (orgs.). Consumo midiático e culturas da convergência. São Paulo, Miró Editorial.
- Barbosa, L.& Campbell, C. (2006). Cultura Consumo e identidade. São Paulo, Editora da FGV,
- Bauman, Z., (2008). O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro, Zahar.
- Benjamin, W. (1995). Obras escolhidas. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo. V. III. São Paulo, Brasiliense.
- Benjamin, W. (1985). Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Volume I. São Paulo, Brasiliense.
- Bommel, K. Van & Spicer, A. (2011). Hail the snail: hegemonic struggles in the slow food movement. Organization studies, n. 32, p. 1717-1744.
- Bourdieu, P., (2011). O poder simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand.
- Bush, L. (2014). The individual choice and social values: choice in the agrifood sector. Journal of consumer cultural, n. 0 (0), p. 1 – 20.
- Conner, S. (2004). A cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo, Loyola.
- Douglas, M. & Isherwood, B. (2009). O mundo dos bens. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- Featherstone, M. (1991). Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo, Studio Nobel.
- Felinto, E. (2006). “Materialidades da comunicação: por um novo lugar da matéria na teoria da comunicação”. In: Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Freire Filho, J. 2010. (Org). Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro, FGV.
- Gay, Peter. A educação dos sentidos: a experiência burguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- Maffesoli, M. (2006). O tempo das tribos. Rio de Janeiro, Forence Universitária.
- Maffesoli, M. (2005). A transfiguração do político – a tribalização do mundo. Porto Alegre, Sulina.
- Maffesoli, M. (2004). Notas sobre a pós-modernidade – o lugar faz o elo. Rio de Janeiro, Atlântica Editora.
- Marcuse, H. (1968). A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional. Rio de Janeiro, Zahar.
- Movimento Slow Food: Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com>>
- Petrini, C. & Padovani, G. (2009). Slow food revolution – a new culture for eating and living. New York, Rizzoli.
- Petrini, C. & Padovani, G. (2009). Slow Food – princípios da nova gastronomia. São Paulo, Senac.
- Peace, A. (2006). Terra Madre 2006: Political theater and ritual rhetoric in the Slow Food Moviment. *Gastronomica: The Journal of Food and Culture*. California/USA, v.8 (2), pp. 32-39.
- Pereira, C. A. M. 1983.O que é contracultura. São Paulo, Brasiliense.
- Peres-Neto, L. (2014). A redenção moral pelo consumo: ética, comunicação e o consumo consciente. Em Freitas, R. F.& Donizete, S. (Org.). *Corpo e consumo nas cidades*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ. p. 25-45.
- Ricoeur, P. (2010). Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes.
- Rocha, E.P. G. (1990). Magia e capitalismo: um estudo antropológico da publicidade. São Paulo. 2.ed., São Paulo, Brasiliense.
- Sassatelli, R. (2007). Consumer culture – history, theory and politics. London, Sage.
- Sennett, R. (2012). A corrosão do caráter. O desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo. Rio de Janeiro, BestBolso.
- Silverstone, R. (2002). Por que estudar a mídia? São Paulo, Loyola.
- Simmel, G. (2009). Psicologia do dinheiro e outros ensaios. Lisboa, Texto & Grafia,
- Sodré, M. (2008). Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, Vozes.